

2007/03/22

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (1ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

1ª Parte: A Geopolítica até à 2ª Guerra Mundial

Introdução

Apesar do termo “Geopolítica” ter sido utilizado pela primeira vez pelo cientista político sueco Johan Rudolph Kjellen apenas no final do século XIX, vários intelectuais importantes tinham já escrito sobre a influência da geografia na conduta da estratégia global das nações, e os confrontos pelo domínio de territórios e populações perdem-se na neblina dos tempos.

Merecem referência o filósofo chinês Sun Tzu (séc. VI AC), Aristóteles (séc. IV AC) e Ptolomeu (séc. II), entre outros. No séc. XIV, o árabe (tunisino) Ibn Khaldoun desenvolveu um pensamento próximo do de Ratzel e Kjellen, considerando haver uma analogia entre a vida dos seres vivos e dos Estados: os impérios têm vida própria, nascem, crescem, atingem a maturidade, declinam e morrem. Jean Bodin (séc. XVI), francês determinista, salientou a influência do clima, factor dominante para os percursos, mas acrescenta condições geográficas físicas na formação do carácter do homem, às quais se devem adaptar as diferentes formas de sociedade e de governo. A natureza física e ambiental contribui para a formação fisiológica e espiritual dos homens, mas também para as formas de organização social. A escola alemã de geógrafos do séc. XVIII (Humboldt, Ritter, etc.) defendeu que a morfologia do solo exerce uma influência determinante sobre o clima e que estes dois factores, associados, pesam sobre a vida orgânica. Daqui uma ligação estreita entre a geografia terrestre e a biologia, bem como sobre o comportamento das populações, com reflexo na natureza do Estado.

No séc. XIX, dois britânicos, Charles Darwin, biólogo e naturalista, defensor da selecção natural, e Herbert Spencer, biólogo e filósofo, defensor da tese da progressiva diferenciação dos seres vivos pela capacidade de adaptação ao meio envolvente, o que favorecia o triunfo dos melhores, traduzido no conceito de “Darwinismo social”, deram também um contributo indirecto. As suas teorias foram transpostas para a evolução das sociedades e dos Estados. Ratzel encontrou aqui excelentes argumentos para as suas teorias.[1]

Por outro lado, grandes chefes militares houve na antiguidade que, pela forma como integraram as suas campanhas militares na construção de grandes projectos políticos, revelaram um pensamento geoestratégico com finalidades geopolíticas: Dario, imperador persa (séc. VI/IV AC), Alexandre Magno (séc. IV AC), o cartaginês Aníbal (séc. III/II AC), Júlio César (séc. I AC), Carlos Magno (séc. VIII DC), Genghis Khan (séc. XIII) e Napoleão (séc. XVIII/XIX).

O termo “Geopolítica” surgiu na era da rivalidade imperialista entre 1870 e 1945, quando os impérios em competição travavam inúmeras guerras, gerando, alterando e revendo as linhas de poder que eram as fronteiras do mapa político mundial.[2] No início do século XX, Kjellen e os outros pensadores imperialistas entendiam a Geopolítica como a parte do conhecimento imperial ocidental que lidava com a relação entre a Terra física e a política. Durante os últimos anos da *guerra-fria*, a Geopolítica foi utilizada para descrever o confronto global entre os EUA e a URSS pela influência e o controlo sobre os Estados e os recursos estratégicos mundiais. Henry Kissinger ajudou a fazer reviver o termo nos anos 1970's, usando-o como um sinónimo para o jogo de equilíbrio de poder entre as superpotências em todo o mapa político mundial.

Existem inúmeras definições de “Geopolítica”. Aqui se deixam algumas que, na opinião do autor, melhor reflectem e abrangem o pleno âmbito do termo:

- Kjellen definiu-a como o “estudo da influência determinante do ambiente na política de um Estado” e como “Ciência do Estado enquanto organismo geográfico, tal como se manifesta no espaço”. Para N. Spykman, era “o planeamento da política de segurança de um país em termos dos seus factores geográficos”. [3] Samuel Cohen define-a como “a análise da relação entre o poder político internacional e o meio geográfico”.
- Pierre Gallois considera-a como o “estudo das relações que existem entre a condução de uma política externa e o quadro geográfico em que se exerce”. Josué de Castro, por seu lado, entende que “estabelece as correlações existentes entre os factores geográficos e os fenómenos políticos, a fim de demonstrar que as directrizes políticas não têm sentido fora dos quadros geográficos”. [4]

- Mais modernamente, G. O'Tuathail afirma que é “o modo de relacionar dinâmicas locais e regionais com o sistema global como um todo”[5] e, em conjunto com J. Agnew, o mesmo autor escreve que a Geopolítica estuda “a espacialização da política internacional por potências hegemónicas” e a “a geografia da política internacional, particularmente a relação entre o ambiente físico (localização, recursos, território, etc.) e a conduta da política externa”. [6]

A Geopolítica promove um modo de pensar espacial que organiza diferentes actores, elementos e locais, simultaneamente, num tabuleiro de xadrez global. Tem uma marca multidimensional global – quer no sentido geográfico, quer no conceptual – e surge mais visual do que verbal, mais objectivo e independente, do que subjectivo e ideológico. Num mundo em encolhimento e em aceleração, de intensa compressão espaço-tempo forjada pela revolução nas telecomunicações e pela globalização das redes económicas, o desejo de perspectivas que ofereçam uma “visão intemporal” é mais forte do que nunca.

Na “nova ordem mundial” de hoje, as relações pós-guerra fria entre geografia, poder e ordem mundial variam consideravelmente. Para alguns, o fim da *guerra-fria* permitiu a emergência de uma nova ordem geopolítica dominada por questões e temas geo-económicos, um mundo onde a globalização da actividade económica e fluxos comerciais, de investimento e de mercadorias globais estão a refazer Estados, a soberania e a estrutura geográfica do planeta. Para outros, a “nova Geopolítica” descreve um mundo já não dominado por lutas territoriais entre blocos rivais, mas por problemas transnacionais novos, tais como o terrorismo, a proliferação nuclear e o choque de civilizações. Para outros ainda, a relação entre a política e a Terra é mais importante do que nunca, já que países e povos lutam contra a degradação ambiental, o esgotamento de recursos, a poluição transnacional e o aquecimento global. Existem, de facto, várias visões da “nova Geopolítica”.

Para Gearóid O'Tuathail, podem definir-se três períodos históricos na Geopolítica: o primeiro vai do início do pensamento geopolítico, entrelaçando visões geopolíticas com estratégias imperialistas e com conceitos de supremacia racial branca, até à 2.ª Guerra Mundial; o segundo abarca o período da *guerra-fria*, como uma estrutura da ordem mundial e um conjunto de práticas e discursos geopolíticos; o terceiro engloba um conjunto de debates geopolíticos acerca da “nova ordem mundial” proclamada pelo Presidente Bush durante a Guerra do Golfo, onde se juntam também visões ambientais e novas correntes de pensamento tais como a “anti-geopolítica” e a “geopolítica crítica”. [7]

Por seu lado, John Agnew considera ainda um período anterior à “geopolítica imperialista”, entre 1815 e 1875, a que chamou “geopolítica civilizacional”. Ao período da “geopolítica imperialista” de O'Tuathail, Agnew chama “geopolítica naturalista”. [8]

A grande ironia sobre a teoria geopolítica é que ela foi sempre uma forma de análise bastante ideológica e politizada. De Ratzel a Mackinder, de Haushofer a Spykman, nunca foi uma actividade objectiva e desinteressada, mas sim uma parte da filosofia política e das ambições daqueles intelectuais e figuras públicas. Enquanto que as formas de escrita variaram consoante os autores, a teoria geopolítica teve sempre um propósito comum: a produção de conhecimento que ajudasse a arte de governar e de promover o poder do Estado.

A Geopolítica Civilizacional

A política internacional neste período era liderada por um “convénio europeu”, no qual nenhum estado impunha a lei aos outros dentro da Europa e em que o domínio económico britânico dominava no resto do mundo. Foi no contexto político-económico de 1815-1875 que a “geopolítica civilizacional” se estabeleceu. O seu elemento principal era um comprometimento ao carácter único da civilização europeia, uma crença que as raízes da distinção europeia se encontravam no seu passado, um sentimento que, apesar de outras culturas poderem ter passados e obras nobres, tinham sido eclipsadas pela Europa. O resto do mundo estava à disposição da Europa para a utilização desta, porque a sua história estava destinada à grandeza.

A dicotomia estabelecida entre a Europa e os outros continentes era reforçada pela combinação frequente de uma “terra-mãe” original com uma periferia ou fronteira, que caracterizava a Espanha (nas Américas), a Inglaterra (na América do Norte), os EUA (para lá das terras habitadas da Costa Leste) e a Rússia (na Sibéria). Diferentemente dos impérios europeus, nos quais a “terra-mãe” estava separada da maior parte das suas colónias por oceanos, nos EUA e na Rússia tal separação clara não existia.

Nos EUA, à medida que a colonização europeia se espalhava para o interior, no início do século XIX, a expansão da fronteira tornava-se o símbolo daquilo que se tornou na justificação predominante da “missão providencial da América” em espalhar os seus ideais e instituições para lá das suas fronteiras, “um poder mais alto do que o terrestre” que tinha guiado a sua expansão, que tinha

seleccionado aquele “grande país” e o impelia para a frente.

Na Europa, e onde quer que os europeus estivessem, os estados ligavam-se como entidades territoriais limitadas que se contrabalançavam, como num sistema mecânico de pesos e equilíbrios. Fora deste sistema existia um espaço ilimitado de formas políticas primitivas ou decadentes que eram candidatas a ser conquistadas.[9]

A Geopolítica Imperialista

A Geopolítica, como forma de poder e de conhecimento, nasceu na era de rivalidade imperial entre 1870 e 1945, quando os impérios em competição combatiam várias guerras, duas das quais foram mundiais, alterando e rearranjando as fronteiras do mapa político mundial. Era uma época de expansionismo colonial e modernização industrial, de tremendas conquistas tecnológicas, de turbulência social e transformação cultural.

À medida que o “convénio europeu” se foi desfazendo nos anos 1870's, surgiram dois grupos antagonistas de estados. Um, liderado pela Grã-Bretanha e pela França, com discreto apoio americano, defendia a coexistência do comércio livre e do imperialismo. O outro, cujo principal membro era a Alemanha recém-unificada, era revisionista, preocupado em construir os seus próprios impérios e desafiar o domínio financeiro britânico. Por volta de 1890, esta divisão tinha-se tornado na maior característica da política mundial. A sua base assentava parcialmente no crescimento exponencial da economia alemã, mas também no intenso nacionalismo da época.

O eixo principal da acumulação de capital encontrava-se na estrutura “terra-mãe”-colónias do império britânico e nas relações Grã-Bretanha-EUA. O desafio para a Alemanha e para os outros revisionistas, como o Japão e a Itália, era construir uma alternativa a esta estrutura. Isto era impossível sem enfrentar militarmente a Grã-Bretanha e os seus aliados.

Neste estágio de crescimento do capitalismo mundial, a centralização britânica era vista pelas elites políticas europeias como servindo não só os interesses nacionais, mas também um interesse “global”. Com o sucesso das economias da Alemanha e dos EUA, a economia britânica, baseada em tecnologias mais antigas, enfrentou um dilema: por um lado, enfrentava o aumento da competição nas mercadorias confeccionadas e, por outro, tinha alguma vantagem sobre os outros no acesso ao resto do mundo. Consequentemente, após 1875, a Grã-Bretanha afastou-se da Europa e dos EUA, e virou-se para o seu império e para aquelas regiões do mundo onde a sua hegemonia era mais segura. Esta situação levou ao colapso final do “convénio europeu”, já de si ameaçado pelo emergir de novos Estados na Europa, como a Alemanha e a Itália, e o aparecimento de um sistema global de impérios em competição, quando a Alemanha, a França, o Japão e os EUA, seguiram as pisadas britânicas.

Um dos elementos mais importantes elementos da Geopolítica Imperialista foi a separação entre povos imperiais e colonizados, apoiado na visão que alguns países europeus se tinham tornado mestres da natureza, como resultado de uma aptidão superior num processo natural de evolução. Este princípio da selecção natural, “a sobrevivência dos mais aptos”, foi assim importado de Darwin para a Geopolítica. Estas ideias foram partilhadas internacionalmente, não só pela Alemanha. Tal sucedeu com a Grã-Bretanha na Irlanda e, na Europa em geral, os Judeus tornaram-se particularmente vulneráveis ao crescimento do “racismo científico”.

Mesmo antes do termo “Geopolítica” ter surgido, nos finais do século XIX, houve um importante número de intelectuais que escreveram sobre a influência da geografia na conduta da estratégia global. O historiador naval americano Alfred Mahan (1840-1914), por exemplo, escreveu sobre a importância da geografia física – massa territorial e relevo físico relativamente ao mar – no desenvolvimento do poder marítimo por Estados em expansão, numa época em que a propulsão a vapor, os submarinos e o armamento associado sofreram uma evolução técnica considerável. O caminho para a grandeza nacional, para o marinheiro profissional Mahan, passava pelo expansionismo naval, em que realçava a importância de obter bases navais além-mar. Mahan teve grande influência na ascensão dos EUA no início do século XX, derrotando o Império Espanhol nas Caraíbas - ocupando Porto Rico, as ilhas Virgens, controlando Cuba e Hispaniola -, intervindo no Panamá para fomentar a sua independência da Colômbia, e adquirindo as Filipinas como colónia, bem como as ilhas Hawaii, Samoa, Guam, Wake e Midway.

As ideias de Mahan tiveram repercussão na ideologia Darwinista social de Theodore Roosevelt e Henry Cabot Lodge. Roosevelt acreditava, como outros imperialistas da sua época, na supremacia da raça branca, com os anglo-saxões no topo. O seu racismo, ao contrário do posteriormente exaltado pelos nazis, era mais civilizacional e etnográfico do que biológico e genético. Em 1905, após a sua eleição para a presidência, Roosevelt formalizou o seu pensamento geopolítico num “corolário” à “Doutrina Monroe” (1823), onde se afirmava que as potências europeias não deviam

“estender o seu sistema a qualquer porção deste hemisfério”. Roosevelt acrescentou que o hemisfério “americano” era uma reserva especial dos EUA, como o estado mais civilizado e superior do hemisfério, tinha o direito, mesmo a obrigação, de “exercer um poder de polícia internacional”, para manter países conflituosos e incivilizados na ordem. Outra personalidade que defendia a intervenção nos assuntos de países imaturos e desregrados para impor a lei e restaurar a disciplina, foi Rudyard Kipling, que lhe chamou “o fardo do homem branco”.

O geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) escreveu também sobre a importância da relação entre o território e a nação no desenvolvimento da força imperial do poder nacional. Ratzel, Darwinista social, considerava o Estado como sendo um organismo vivo lutando pela sobrevivência com outros Estados. Como um organismo vivo, o Estado necessitava constantemente de se expandir ou enfrentar a decadência e a morte. Ratzel considerava a nação e o território alemães superiores a todos os outros. A Alemanha devia expandir-se à custa de estados “inferiores” para conseguir mais “espaço vital” para si.

Como todos os organismos vivos, um Estado tinha de lutar contra o ambiente, isto é, outros estados legítimos e “espaços vazios”, para sobreviver. Na Rússia, os Urais foram progressivamente descartados como uma barreira geográfica. Uma corrente intelectual influente via a Rússia como “uma entidade geo-histórica, geopolítica, geo-cultural, geo-etnográfica e mesmo geo-económica transcendente”.

Outro elemento na visão do Estado como entidade orgânica, era a ideia que tinha “fronteiras naturais”. Isto implicava, primeiro de tudo, que as fronteiras históricas não eram necessariamente as correctas. O conceito nazi de “espaço vital”, adoptado de Ratzel, justificando a expansão territorial alemã na Europa Central e a “liquidação intelectual” da Polónia, tinha a sua base nesta noção de fronteiras naturais.

Esta lógica nunca se estendeu ao mundo colonizado. Tal é eloquentemente ilustrado no caso de África. No início da sua exploração, a conquista e as regras coloniais impuseram-se rápida e devastadoramente. No Congresso de Berlim, as potências europeias acordaram a demarcação das suas esferas de influência em África. Os 20 anos seguintes produziram fronteiras que tinham muito pouca relação com os padrões culturais ou económicos subjacentes. Noutras regiões não foram menos arbitrarias, se bem que menos precipitadas. Ainda hoje estes problemas continuam a assombrar e a agitar estas regiões.

Mas o tema do expansionismo imperial esteve também presente nos textos de Halford Mackinder e Karl Haushofer, entre outros, pois é no discurso imperialista que a Geopolítica emerge como conceito e prática, no início do século XX. Por outro lado, de 1880 a 1914, uma série de mudanças radicais na tecnologia e na cultura, criou novos modos de pensar sobre o espaço e o tempo. Inovações como o telégrafo, o telefone, o automóvel, o cinema, a rádio e a linha de montagem, comprimiram a distância, truncaram o tempo e ameaçaram a hierarquia social.

Halford Mackinder iniciou a sua carreira ensinando Geografia na Universidade de Oxford em 1887, graças à influência da Royal Geographical Society (RGS). Mackinder possuía ideias seguras sobre o papel que o conhecimento geográfico poderia desempenhar no combate ao relativo declínio do Império Britânico, ilustradas na difícil vitória na “Guerra dos Boers” (1899-1902). Na sua opinião, a Geografia podia também educar os líderes do Império sobre os factores que era considerava terem condicionado a história humana e a condução da estratégia.

Em 1904, deu uma conferência na RGS precisamente sobre esse tema, “o pivot geográfico da História”. Poucos líderes políticos o ouviram, mas esta conferência estava destinada a torná-lo famoso décadas mais tarde quando, durante a 2.ª Guerra Mundial, os britânicos e americanos descobriram a Geopolítica alemã e a relevância que dava às ideias de Mackinder. Esta conferência é importante na história da Geopolítica por três razões: pela sua visão global; pela sua divisão do globo em vastas faixas de territórios (área pivot, crescente interno, etc.); e pela sua tese sobre a influência condicionante da geografia no curso da história e da política, as “causas geográficas da história”.

No núcleo desta teoria está a relação entre a geografia física e a tecnologia dos transportes. Na sua opinião, existiam três épocas da história, cada uma definida pela “mobilidade do poder”. Entrava-se então na terceira época, em que acontecimentos numa parte do globo teriam um efeito ondulatório em todo ele. De um ponto de vista imperial britânico, os caminhos-de-ferro transcontinentais estão a transformar as condições do poder terrestre, e esse efeito assume importância vital na *heartland* euro-asiática, ameaçando alterar o equilíbrio de poder entre o poder terrestre (a Europa continental, nomeadamente a Alemanha) e poder marítimo (a Grã-Bretanha) na Eurásia. O grande temor de Mackinder era uma aliança entre a Alemanha e a potência do *heartland*, que ele identificava como o

Império Russo. Os líderes políticos do Império Britânico deveriam impedir a todo o custo essa eventual aliança.

Em 1919, após a 1.ª Guerra Mundial, Mackinder faz uma recomendação estratégica ainda mais explícita aos líderes vitoriosos. Renomeando a Eurásia como “Ilha –Mundo”, fez a declaração que o tornou famoso:

Quem governar a Europa Oriental, domina a *heartland*;

Quem governar a *heartland*, domina a “Ilha-Mundo”;

Quem governar a “Ilha-Mundo, domina o Mundo!

O que necessitava ser evitado era concretamente o expansionismo alemão na Europa Oriental e a sua aliança com o Império Russo, que se tornou na URSS após a guerra. Negligenciou a importância da organização no desenvolvimento do poder, esqueceu as implicações revolucionárias do poder aéreo emergente e, acima de tudo, subestimou o poder nascente dos EUA e sobrestimou o significado estratégico dos vastos espaços do *heartland* russo. As suas ideias tiveram pouco impacto na política externa britânica enquanto viveu, mas ganharam a admiração de Karl Haushofer e dos seus seguidores.

O sentimento de supremacia branca que era comum na prática das geopolíticas imperialistas do Reino Unido e dos EUA dessa época, também encontrou expressão na Alemanha, numa escola geopolítica criada a seguir à 1.ª Guerra Mundial por Karl Haushofer (1869-1946). Haushofer era um general reformado após a 1.ª Guerra Mundial que se tornou geógrafo aos 50 anos. Esteve no Japão entre 1908 e 1910, onde admirou a sua unidade nacional, a sua disciplina, a sua orientação militarista e a obediência e devoção cegas com que o povo seguia os seus líderes.

Durante a 1.ª Guerra Mundial conheceu Rudolf Hess na frente oriental. Destroçado pela derrota da Alemanha e pelos termos do Tratado de Versalhes – afirmou posteriormente que a Alemanha tinha perdido a guerra porque os seus líderes não tinham estudado Geopolítica –, conseguiu um lugar de professor de Geografia na Universidade de Munique, onde Hess foi seu aluno e onde fundou o “Jornal de Geopolítica” em 1924. Nos anos 20’s, após o *putsch* de 1923, foi visitá-lo à prisão de Landsberg, onde Hess o apresentou a Adolf Hitler. As sanções impostas à Alemanha em Versalhes, uma potência mundial natural com uma população grande e avançada, que lhe retiraram parte do território e as colónias, fê-lo crer que a necessidade de “espaço vital” era maior do que nunca.

Tal como Mackinder na Grã-Bretanha, Haushofer cria que os líderes deviam aprender as relações que a Geografia tinha com a política internacional. Misturando o Darwinismo social de Ratzel, seu herói intelectual, e as ideias de Mackinder, que admirava, reduziu a complexidade das relações internacionais a algumas leis e princípios básicos que promoveu constantemente. A política internacional era uma luta incessante pela sobrevivência entre Estados que competiam entre si. Para sobreviver, a Alemanha tinha de conseguir “espaço vital”. A melhor maneira de conseguir isso era fazer uma aliança com a URSS. Além disso, a Alemanha deveria aliar-se ao Japão e tentar criar um bloco com aqueles dois Estados para contrariar os impérios marítimos da Grã-Bretanha e da França.

Os geopolíticos nazis dos anos 1930’s surgiram com esquemas formais para combinar povos imperiais e colonizados naquilo a que chamaram “pan-regiões”. Apesar dos termos rebuscados com a finalidade de ultrapassar as relações político-económicas da época, aquelas cartografias expressavam de forma extrema a suposição que o mundo era constituído por agrupamentos raciais que podiam ser divididos claramente em dois “tipos” de povos, em que um existia primariamente para servir o outro. Raças dominantes e subordinadas eram agrupadas territorialmente nas “pan-regiões”.

O almirante francês Raoul Castex (1878-1968) desenvolve criticamente as teorias anteriormente defendidas pelo almirante americano Alfred Mahan sobre o poder naval, criando um conceito novo, o de “posições geobloqueantes”, posições geográficas nos territórios de alguns Estados com potencialidades para interceptar saídas de outros Estados para o mar alto, ou para dominar rotas importantes para os mesmos (i.e. Espanha vs. França no Golfo da Biscaia e no Mediterrâneo, a Grã-Bretanha vs. Holanda, França e Alemanha no Canal da Mancha e no Mar do Norte).

O seu contributo primário para o pensamento geopolítico foi a noção de “perturbador continental” (1935). Segundo ele, a estabilidade europeia é alterada periodicamente por um Estado aspirando à hegemonia, em grande desenvolvimento económico e demográfico, com ambições expansionistas, que acabam por ser contidos pela coligação de outros Estados, liderada pela potência marítima. Dá como exemplos históricos a Espanha de Carlos V e de Filipe II, a França de Luís XIV e de Napoleão

e a Alemanha de Guilherme II. Existe, para ele, uma superioridade permanente do poder marítimo sobre o poder terrestre, em virtude daquele se desgastar menos, pela sua estratégia envolvente e flexível. O poder terrestre, por seu lado, tem de adoptar processos penetrantes e rígidos, que provocam grande desgaste. [10]

A economia liberal do final do século XIX sofreu um golpe fatal com a Grande Depressão dos anos 1930's. O desemprego em massa da altura produziu várias reacções políticas e intelectuais. O colapso da economia do mundo capitalista ofereceu oportunidades a várias formas de internacionalismo socialista (planeamento económico centralizado, agricultura colectiva e novas elites políticas), modelo que ameaçou as elites estabelecidas e levou à associação entre o socialismo e a “subversão”, que teve grande importância no discurso geopolítico após a 2.ª Guerra Mundial. Foi a racional para a gestão governamental da economia defendida pelo economista inglês Keynes, que forneceu a justificação mais importante do estímulo das economias britânica e americana durante os anos 1930's e 1940's.

A 2.ª Guerra Mundial não foi, por isso, exterior a este discurso geopolítico. Para o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) forneceu a lógica para a guerra – expansão ou declínio. Para os Aliados, foi como uma luta pela sobrevivência dos estados marítimos, pacíficos, cujo sucesso se baseava na sua capacidade de invenção e comércio. O resultado da guerra trouxe um fim à ordem geopolítica de rivalidade entre impérios e criou as condições para uma nova ordem geopolítica pós-guerra, distinta, caracterizada pela destruição dos velhos impérios coloniais, através do processo de descolonização, e a emergência dos EUA como uma potência económica, militar e política hegemónica.

[1] PEZARAT CORREIA, Pedro – “Manual de Geopolítica e Geoestratégia – Vol. I – Conceitos, teorias e doutrinas”, Quarteto, Coimbra, 2002, pp. 115-127.

[2] O'TUATHAIL, Gearóid – “Thinking critically about geopolitics”, em “The geopolitics reader”, Routledge, London, 1998, pp. 9, 15.

[3] TOSTE, Octávio – “Teorias geopolíticas”, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1993, p. 31.

[4] PEZARAT CORREIA, Pedro – obra citada, pp. 102-103.

[5] O'TUATHAIL, Gearóid – obra citada, p. 1.

[6] O'TUATHAIL, Gearóid & AGNEW, John – “Geopolitics and discourse: Practical geopolitical reasoning in american foreign policy”, em “The geopolitics reader”, pp. 79-80.

[7] O'TUATHAIL, Gearóid – obra citada, pp. 1-3.

[8] AGNEW, John – “Geopolitics – Re-visioning world politics”, Routledge, London & New York, 1997, p. 87.

[9] AGNEW, John – obra citada, pp. 87-94.

[10] MARTINS, Raul François – “Geopolítica e Geoestratégia: para que são e para que servem?”, Revista “Nação e Defesa”, n.º 76, IDN, 1996., p. 59.

24 TEXTOS RELACIONADOS:

2009/05/20

A GEOPOLÍTICA: CIÊNCIA DO CONFLITO NO ESPAÇO DO PODER

António Paulo Duarte[1]

2009/05/03

GEOPOLÍTICA DA GUERRA

Manuel Saraiva

2008/11/05

NA PROCURA DO ALVO: A UTILIDADE DA FORÇA

Pedro Brito Teixeira[1]

2008/07/21

OPERATIONAL PREPARATION DIRECTORATE CORE BUSINESS – NATO RESPONSE FORCE

Pedro Brito Teixeira and Alex Mezynski[1]

2008/07/17

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](II PARTE)

Victor Mota[2]

2008/07/16

SEGURANÇA E DEFESA NA ÁREA MEDITERRÂNEA[1](I PARTE)

Victor Mota[2]

2008/06/01

A PASSAGEM ÁRTICA DO NOROESTE[1]

Alexandre Reis Rodrigues

2008/04/26

OS SISTEMAS LOGÍSTICOS NAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

Pereira de Melo[1]

2008/04/14

A IMAGEM DUALISTA SOBRE OS ESTADOS UNIDOS

Gilberto Barros Lima[1] (Brasil)

2008/03/25

O QUE SERÁ A RÚSSIA DE MEDVEDEV?

Alexandre Reis Rodrigues

2008/03/18

RETERRITORIALIZAÇÃO UTILIZANDO OS BIOMAS COMO UNIDADES ADMINISTRATIVAS

Fernando Baggio di Sopra[1] (Brasil)

2008/02/20

VISÕES SOBRE A POLÍTICA EUROPEIA DE SEGURANÇA EUROPEIA

Vários

2008/02/19

A IMPORTÂNCIA DA GEOPOLÍTICA DO TERRORISMO[1]

Tiago Alexandre Maurício

2007/10/04

A GUARDA NACIONAL REPUBLICANA (GNR) NAS MISSÕES DE PAZ[1]

Francisco M. Rodrigues[2]

2007/09/30

A GEOPOLÍTICA DA SUSTENTABILIDADE[1]

Irene Maria Nunes[2]

2007/07/02

A IMPORTÂNCIA GEOESTRATÉGICA DA LITUÂNIA

Daniela Siqueira Gomes[i]

2007/06/05

O SUCESSOR DE PUTIN

Alexandre Reis Rodrigues

2007/04/15

SEGURANÇA E DEFESA: UM ÚNICO DOMÍNIO?

Francisco Manuel Gomes[1]

2007/03/24

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (3ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/03/23

O CONCEITO DE GEOPOLÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA E EVOLUTIVA (2ª PARTE)

Eduardo Silvestre dos Santos

2007/01/21

OS RECURSOS ENERGÉTICOS DO CAZAQUISTÃO E OS SEUS EFEITOS NO REALINHAMENTO ESTRATÉGICO: UM NOVO GRANDE JOGO?

Hugo Palma[1]

2007/01/20

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (III PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/19

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOEPOLÍTICAS (II PARTE)

João Brandão Ferreira

2007/01/18

O CERCO DA EUROPA E AS NOVAS REALIDADES GEOPOLÍTICAS (I PARTE)[1]

João Brandão Ferreira